

# Corpo, docência e masculinidades: das heterotopias à estética da existência

Rogério Machado Rosa<sup>1</sup>

## Resumo

Utilizo excertos das narrativas de alguns dos professores, obtidas por meio de entrevistas, para ilustrar e discutir o complexo imbricamento entre as relações afetivas da/na docência, masculinidade e artistagem de si. A relação pedagógica e suas afecções é aqui apresentada como um espaço produtor de heterotopias: forças criativas que incidem sobre a reconstrução da corporeidade masculina e dos modos-de-ser-docente desses sujeitos e neles instaura uma nova estética da existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo, docência, masculinidades, estética da existência.

## Abstract

I use excerpts from the narratives of some teachers, obtained through interviews, to illustrate and discuss the complex interweaving of teaching, masculinity and artistagem you. The pedagogical relationship between students / and teachers, space becomes a producer of heterotopias: creative forces that focus on the reconstruction of male corporeality and ways of being teachers of these subjects and introducing them a new aesthetic of existence.

**KEYWORDS:** Body, teaching, masculinities, aesthetics of existence.

<sup>1</sup> Psicólogo. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor de Psicologia da Educação da Faculdade Capivari de Baixo – FUCAP/SC. Pesquisador do Núcleo Vida e Cuidado – NUVIC do Centro de Ciências da Educação – CED /UFSC.

## Docência e invenção de si

Esta escritura corresponde a uma passagem da minha dissertação de mestrado onde trago para a arena o debate sobre a criação do *corpo-masculino-docente*. A partir de narrativas obtidas sob forma de entrevista, ergo problematizações em torno de acontecimentos biográficos narrados por seis (6) professores e que por eles são associados ao processo de invenção de seus corpos e de suas masculinidades. Procuo compreender como esses professores — que do ponto de vista da masculinidade hegemônica não estão integrados — constroem e experienciam *corpos-masculinos-menores*<sup>2</sup> na relação com o exercício da docência no Ensino Médio.

O *corpo-masculino-menor* é aqui entendido como aquele que borra as fronteiras da masculinidade hegemônica, pois agrega em si gestos estilizados, traços do feminino, formas, movimentos, adornos e contornos que contestam uma suposta univocidade em termos de experimentação e expressão do corpo e do gênero. Nessa direção, Oliveira (2004) argumenta que a eclosão do que hoje chamamos de pós-modernidade, marcada pela desconstrução das grandes promessas, por intercâmbios culturais e pelo desmanche de fronteiras identitárias, abala as referências instituídas no período moderno, deflagrando, dentre outras coisas, uma espécie de pulverização da noção de masculinidade. Gradativamente a clássica representação social do masculino hegemônico — homem másculo, viril e provedor — começa a ganhar flexibilidade e

comportar outros modos de expressão. Muitos deles engendraram-se na contra-mão do modelo de homem reverenciado socialmente.

Assim, o movimento de criação e recriação dos corpos e das masculinidades dos sujeitos interlocutores desse texto/pesquisa é tomado pelo que tem de mais singular, isto é, uma potência transformacional engendrada pelo encontro com os discentes no ambiente pedagógico. Trata-se de certa atmosfera artística, política e po(é)tica que, surgidas das afecções mobilizadas pelo estar juntos dos docentes e discentes, deslocam as corporeidades masculinas das referências hegemônicas do gênero lançando-as para um processo de hibridização.

Ao longo do texto utilizo como objeto de reflexão excertos das falas concedidas por educadores em atividade e identificados pelos seguintes pseudônimos: Curinga, Davi, Dionísio, Híbrido, Jorge e Ricardo. A docência parece ser escolhida como *locus* onde criam heterotopia para si. Ali o *corpo-masculino-docente* ‘esquizoafetado’ e as novas formas de sociabilidade ganham formas e expressões. Além de clamarem, permanentemente, pelo seu devir-nomádico.<sup>3</sup>

## Presenças híbridas

Trago para a baila excertos de narrativas docentes que apontam para a potência (re)criativa que os encontros, particularmente os que ocorrem no ambiente escolar, instaura sobre os corpos e sobre as masculinidades de professores e alunos. O professor Híbrido (2009), ao final de sua “entrevista-conversa”, parece falar de certa plasticidade no modo como experientia, percebe, e, inclusive, reinventa seu corpo e sua masculinidade, vejamos: “... presença que foge do controle. Um corpo que se dissolve. Uma masculinidade que voa para longe de si... Redes neurais que ganham formas e logo se dispersam. Es-

<sup>2</sup> Deleuze e Guattari, na obra “Kafka - por uma literatura menor”, desenvolvem o conceito de “literatura menor” como dispositivo para analisar a obra de Kafka. Os textos de Kafka são considerados subversivos e revolucionários porque representam uma atitude de resistência à própria língua alemã. São uma espécie de literatura menor, afirma Deleuze. Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é a delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a dela, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a servir? Problema dos imigrantes, e ressaltam Deleuze e Guattari (1997), “é a de uma língua menor, mas antes o que uma minoria faz em uma língua maior” (p. 25). Na perspectiva de Kafka, judeu tcheco que escreveu em alemão por causa da ocupação alemã na região, uma literatura menor desagrega a própria língua, pois corrói o seu interior sendo veículo de desagregação dela própria. A partir dessas ideias, Deleuze e Guattari apresentam três características básicas de uma literatura menor: desterritorialização da língua, pois desloca a língua de seu território “natural”; ramificação política, porque desafia o sistema estabelecido; valor coletivo, uma vez que fala do coletivo e para o coletivo e não por si mesma. Em sua voz ecoam as inquietações de uma comunidade minoritária. Assim, a ideia de *corpo-masculino-menor*, advém desses pressupostos.

<sup>3</sup> O nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em intensidade, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes; ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecer no mesmo lugar, escapando dos códigos. [...] E mesmo se a viagem for imóvel, mesmo se for feita num mesmo lugar, imperceptível, inesperada, subterrânea, devemos perguntar quais são nossos nômades de hoje (Deleuze & Guattari, 1996, p.328).

paços onde vejo afluir experiências...” (p. 01). Sua narrativa chama a atenção para um jeito fluido de experimentar o corpo e o gênero.

Esse mesmo aspecto já havia aparecido nos depoimentos da maioria dos professores entrevistados, inclusive, no do próprio professor Híbrido, entretanto faz questão de, ao final de seu depoimento, dar mais uma vez ênfase à relação entre corpo, gênero, docência e liberdade. Ele anuncia um corpo e uma masculinidade docente em processo de libertação de parte dos modelos hegemônicos, pois se ergue de maneiras improváveis nos enredos sociais por onde transita. São lugares, tempos, encontros e acontecimentos que, forçosamente, criam linhas de fugas para a experiência dura/árida da corporeidade masculina. Um corpo em dissolução. Uma masculinidade para além dos limites da sua história. Redes em movimentos que, simultânea e paradoxalmente, conectam-se, ganham forma e logo se dispersam, porque feitas na dobra<sup>4</sup>: limite tênue entre o “fora” e o “dentro”. Lugar onde, num lapso de tempo, a corporeidade-masculina-docente “é”, e logo deixa de ser, pois é feita de experiências que têm o poder de libertá-la. Assim, movida pelo desejo de liberdade, flui, dispersa-se, (des)conecta-se e transforma-se.

Estaria o professor Híbrido narrando a experiência do nomadismo em torno do gênero e da corporeidade? O nomadismo pressupõe a experiência do deserto de si, do lugar fora do lugar, da viagem sem destino e do perpétuo vir-a-ser. Deleuze (1990) observa que a experiência nomádica é, necessariamente, o germe da revolução de qualquer tempo e de qualquer corpo.

Se os nômades nos têm interessado tanto, é porque eles são um vir-a-ser e não fazem parte da história; são dela excluídos, mas se metamorfoseiam

<sup>4</sup> Pensar os processos de construção do corpo e da masculinidade como dobra implica despojar o sujeito de toda identidade (essencializada) e de toda interioridade absoluta e, ao mesmo tempo, reconhecer a possibilidade de transformação e de criação que deixam aberta. Em outras palavras, a dobra nos permite pensar os processos pelos quais o ser humano transborda e vai para além de sua pele, sem recorrer à imagem de um sujeito autônomo, independente, cerrado, agente. [...] a não ser, precisamente, com base no seu caráter aberto, múltiplo, inacabado, cambiante (Domènech; Tirado; Gómes, 2001, p. 129).

para reaparecer de outra maneira, sob formas inesperadas, nas linhas de fuga de um campo social (Deleuze, 1990, p. 209).

Os devires que pulsam no corpo e na masculinidade do professor Híbrido parecem acontecimentos que se cravam na história presente do campo de sentidos da masculinidade e da corporeidade hegemônicas. O corpo que foge ao controle e a masculinidade que se desintegra são expressões de devires que reclamam sua irredutibilidade e, com isso, constroem para si “a mínima diferença” (Deleuze, 2005, p. 87) em espaços fora dos lugares comuns. Nessa mesma direção também segue o depoimento do professor Davi: “me experimento como um ser fora da história e do tempo comum. Um ser diferente porque não escolheu o lugar comum. O dito mundo dos machos como morada” (2009, p.11). E também o professor Jorge: “eu não gosto de me repetir. Não gosto de ser o mesmo sempre. Esse tempo pra mim já passou. Aqui na escola eu me repetia muito. Deve ser por causa da repressão sexual (risos...). Mas hoje eu me espalho e não to nem aí” (2009, p. 14).

Os corpos e as masculinidades docentes apresentam-se nessas narrativas, como campos de fluxos e intensidades que nos fazem duvidar de toda verdade que para si são traçadas no campo social. Tencionam limites. Fissuram estruturas. Rompem com a linearidade que os interpela. Nesse movimento, recriam traços e confundem suas imagens. Fazem de si um lugar de acontecimentos. Lugares que se erguem em oposição ao sedentarismo anunciado pela norma. Há um movimento inescapável que faz suas presenças fruírem: a força do desejo pela libertação e pelo direito à pluralidade.

Trata-se de uma força produtora de um intenso movimento que produz pequenos espaços de passagem por onde nasce a diferença: “as minorias, os devires, as ‘gentes’ [...] são os devires que escapam ao controle, as minorias que não cessam de ressuscitar e de fazer enfrentamentos” (Deleuze 1990, p. 208).

Nesse caso, então, os corpos e as masculinidades docentes que alçam vôo para desconhecidos planos, não visam caracterizar aquilo que *são*, mas, seguindo linhas de fragilidades, procuram detectar por onde e como o que são poderia deixar de ser. Num processo de desterritorialização, assumem o movimento como característica singular. Para Foucault (1994b), o deslocamento é visto como uma espécie de “fratura virtual que abre um espaço de liberdade concreta, isto é, a transformação possível” (p. 449).

### Corpos e masculinidades nômades: heterotopias de si

A noção foucaultiana de heterotopias, incorporada como ferramenta para compreensão de como, no cotidiano do exercício da docência, *professores-homens* (des) constroem e experienciam seus corporeidades e masculinidades, implicou um deslocamento de olhar. Não apenas um olhar diferenciado sobre o encontro pedagógico, ponto de conexão onde docentes e discentes celebram o jogo da alteridade e partilham suas experiências pagãs<sup>5</sup>, mas, particularmente, sobre o próprio espaço cotidiano escolar.

O encontro com as masculinidades e corpos docentes heterotópicos significou, entre outras coisas, desvelar os modos de inserção no mundo de sujeitos que no curso das experiências pedagógicas cotidianas subvertem a ordem vigente e deslizam por entre as fronteiras dos lugares que institucionalmente localizam e nomeiam os sujeitos. Podemos pensar que as heterotopias são atravessamentos que abrem os espaços os quais expressam o efeito das políticas institucionais sobre os corpos, especialmente, as políticas normativas da escola. Como é o caso da experiência narrada pelo professor Davi (2009, p. 12):

Baixaram um decreto na escola, quero dizer, já não bastasse a quantidade de regras, agora os alunos não poderiam mais namorar na escola. Veja bem, eu estou falando do Ensino Médio. Adolescência, hormônios, descobertas afetivas e desejo à flor da pele. O que justificava a proibição eram as excessivas queixas dos pais em relação à gravidez das filhas e outros medos e pudores sobre a questão da sexualidade dos alunos. Proibição! Essa foi a medida pedagógica que consideraram mais eficiente para a resolução do suposto problema, acredite. Bom, eu não iria compactuar com tamanha ignorância, daí propus uma espécie de projeto piloto com duas turmas de terceiros anos. Começamos em sala de aula. A cada semana um pequeno grupo era sorteado para preparar uma explanação sobre um tema (drogas, homossexualidade, aborto, namoro etc.) escolhido pelo grupo. Depois de um semestre de trabalho conseguimos parcerias com profissionais da prefeitura, dois psicólogos e mais duas colegas professoras. Resultado: os pequenos grupos de discussão se transformaram num projeto em que atuávamos em forma de oficinas que se estendeu para tudo o Ensino Médio. Além dos mediadores dos temas, professores e psicólogos, os próprios alunos também passaram ser multiplicadores dos debates. O projeto teve quase três anos de vida e sucesso. Conseguimos muitas coisas, entre elas, o direito ao namoro na escola. Visitamos muitos temas polêmicos e penso que conseguimos com isso quebrar muitos tabus e preconceitos.

Através das heterotopias, assistimos o engendramento de novos acontecimentos sobre o corpo e sobre a masculinidade docente e discente também. Elas deflagram novos modos de existência coletiva e individual, pois através delas vemos emergir corporeidades e masculinidades menores e marginais que, à moda dos encontros que estabelecem, suscitam acontecimentos que inscrevem devires incontrolláveis nos corpos e nos espaços sociais. Falamos especificamente de devires que anunciam e tecem

<sup>5</sup> Faço referência às experiências que os professores entrevistados estabelecem no curso de suas histórias de vida, especialmente na dimensão profissional. Eles fazem menção a certo paganismo que constitui o que são. Afirmam terem um interesse particular pelo movimento, pelas trocas de experiências, pela inovação nos seus estilos de vida pessoal e profissional, pelo contato com culturas e saberes exóticos. É movimentando-se pela vida que encontram-se com essas possibilidades. Portanto, as experiências pagãs dizem respeito a um processo de diferenciação que se dá por meio de uma incessante busca pelo que não é convencional.

novos estilos de vida, modos de relações e sentidos que se referem, em última análise, à potência da própria vida, incessante em seu processo de diferenciação. Essas diferenças, que cravadas nos corpos e nas masculinidades dos sujeitos ditos anormais materializam-se como experiências po(é)ticas e políticas, criam espaços e experiências heterotópicas em que o uso original do espaço, do tempo, do corpo e dos afetos é ressignificado. Experiencia onde, de modo simultâneo, a corporeidade masculina docente pede passagem e é reinventada.

As heterotopias representam aqui espaços revolucionários onde as táticas de guerrilhas contra o corpo normatizado e a masculinidade hegemônica são confabuladas: espaço de heteroformação. Nesse caso, o encontro entre professor e alunos/as em sala de aula e em outros espaços, zonas de passagens, pode ser pensado como uma heterotopia e também como espaços de heteroformação, pois ali narram suas experiências, discutem seus problemas, vivem seus afetos, descobertas sociais e científicas, refletem coletivamente sobre suas práticas cotidianas, trocam saberes e conhecimentos, socializam leituras, discutem temas socialmente polêmicos, resolvem seus conflitos e paixões, enfim, afetam-se e transforma-se.

Ao que parece, o encontro pedagógico configura-se como um espaço privilegiado em que, consciente ou inconscientemente, planejam e “combinam táticas e criam astúcias para resistir e enfrentar as práticas verticalizantes e autoritárias a que são submetidos. [...] Mas, acima de tudo, tecem uma rede de solidariedade” (Pérez, 2007, p. 03). No caso desses professores e alunos/as, a *relação docente x discente* é uma heterotopia, espaço de liberdade onde ambos, “como sujeitos que são, exercitam a autoria de si, especialmente em relação a seus corpos masculinos e femininos, substituindo, pela criação, o gesto repetido e o consentimento resignado” (Pérez, 2007, p. 03).

Há uma passagem vibrante e um tanto quanto comovente da narrativa do professor Jorge que, ao que parece, bem representa as possibilidades de invenção de si

(heterotopias de si) dentro de espaços socialmente instituídos:

Há um clima de suspeição sobre mim, aqui na escola. Do tipo: “será que ele é?”. Sem falar de outros colegas que já deram aula nessa escola. E o aluno do Magistério, ou melhor, a aluna... Sim porque ele se transveste de mulher. Olha o que a coordenadora pedagógica me perguntou: “o que eu faço com essa aberração da natureza?”. Quanta barbaridade! Mas eu vejo isso, de certo modo, como algo positivo também. Sim, justamente porque nos faz pensar. Nos tira da zona de conforto. As diferenças estão aí e ponto. Nós temos que olhá-las, vê-las e valorizá-las. Elas mexem com as estruturas da escola e também com nossos preconceitos. Viu quanta vida há na escola? (Jorge, 2009, p. 08).

Se numa ótica foucaultiana estamos falando de heterotopias sociais – espaços de fora-, que engendram processos de subjetivação – a dobra –, que à qual leva à criação de novas sensibilidades e sociabilidades, heterotopias de si, especialmente no que se refere à construção de corpos e masculinidades docentes marginais, fabricadas na intimidade dos encontros cotidianos na escola, teoricamente, a esse respeito também encontramos certa reciprocidade entre Michel Foucault (2003) e Michel de Certeau (1996), pois para ambos:

As práticas espaciais cotidianas trazem movimentos que se combinam e se realizam fora do poder instituído (espaços de fora – dehors – de Foucault, às táticas e astúcias de Certeau) – práticas no e sobre o espaço, que jogam e vencem o jogo viciado da disciplina, tecendo, na vida social, modos individuais (e coletivos) de reapropriação do espaço e de ressignificação do instituído. As heterotopias marginais habitam todos os espaços instituídos, deslizam sempre para fora deles. Produzidas por desordens táticas, expressam a complexidade que lhes permite ser no mesmo lugar, o que foi, o que é e o que poderá ser (Pérez, 2007, p. 04).

Se estivermos falando de espaços, encontros e experiências comprometidos com a não sujeição e/ou redução dos corpos no que diz respeito ao que eles podem abrigar (o gênero, a sexualidade, o desejo, a cultura do grupo social, as marcas geracionais, a origem étnica, etc.), estamos dando ênfase particular à criação de uma ética e de uma estética capazes de dar vida a subjetividades mais livres e sensíveis. Se os espaços e encontros pedagógicos criam uma atmosfera de forças que se associam à possibilidade de invenção e recriação de si, essa mesma força criadora, quando baseadas na alegria e no desejo de encontro amistoso com a alteridade, engendra ainda novos modos de relações com os outros. Num dizer Deleuziano, é possível assinalar que estamos tratando do poder revolucionário do desejo e dos afetos, pois:

As forças potencializadoras do desejo que criam “espaços diferentes” – as heterotopias marginais. Não vivemos num espaço vazio (não somos sujeitos universais, mas circunstanciais), vivemos em espaços de relações que definem lugares e engendram processos de subjetivação – modos de vida que se criam e se recriam, numa luta permanente que nos arremessa aos limites entre o que estamos deixando de ser e o que estamos nos tornando, entre o que somos e os nossos múltiplos possíveis devires (Deleuze, 1996, p. 72).

Os acontecimentos e experiências que foram narrados pelos professores parecem ter em comum o devir como possibilidade de recriação e mesmo invenção dos espaços públicos e privados na escola, bem como dos modos de relação com o outro e consigo mesmos. Somente se podem vislumbrar espaços, relações e modos de vida inventivos na relação pedagógica ou em outras formas de relação, na interface com um devir tempo-espaço-relação. Somente se podem vislumbrar outras formas e gestos para o corpo masculino docente, também, na relação com os devires. São eles que preveem diferentes realidades e contestam,

modificam e desconstroem relações “que criam e impõem identidades” (Miskolci, 2006, p. 690). O espaço do encontro entre alunos e professores configura-se nessa ótica, como lugar privilegiado para a fabricação de corpos e de masculinidades docentes e discentes em devir.

Os corpos e as masculinidades que os professores autopercebem e dos quais falam parecem operar mais numa lógica futura do que presente: na (i)lógica do devir. Não por acaso, então, pode-se aqui falar em “corpo bailarino”, “masculinidade dançante”, “corpo estilhaçado”, “masculinidades marginais”, “corpos que voam”, “masculinidades nômades”, “corpos *que-er*”, “masculinidades híbridas”, e outras. Essas expressões, emergidas das reflexões em torno das narrativas dos professores, revelam corpos e masculinidades que se abrem para novas experiências e com isso compõem uma nova estética para si e para suas trocas sociais. Conforme argumenta o professor Híbrido (2009, p. 21):

Então, a primeira palavra que vem na minha mente, que ficou retumbando enquanto você me perguntava, era... bom, bom, bom, bom, bom... Porque é como eu falei: esse corpo docente é reconhecido como um corpo bom, as pessoas olham para um professor como um corpo bom. Sem superioridade, mas essa coisa da referência, então é a partir dali que as coisas orbitam, o professor ele tem essa coisa meio astral, ele é um astro gigantesco, que tem uma infinidade de outros corpos, de grandeza às vezes muito maior que a dele. [...] É engraçado porque ele contraia as regras da gravidade, porque às vezes existem pessoas que são pessoas melhores, digamos assim, do que você, ali, no momento em que está ensinando, ou que pelo menos que serão melhores do que você, muito melhores, a maioria delas vão ser melhores do que você, e ao mesmo tempo as pessoas orbitam em torno de ti, que é um astro menor. Mas às vezes você também orbita em torno deles. E aí eu to falando de mim, acreditando que eu realmente sou alguém bom, um corpo bom.

A potência criativa dos devires inscreve e abre na história presente dos corpos desses sujeitos fissuras para o futuro em com isso materializa uma estética da existência. Masculinidades mais plurais e mais sensíveis. Corpos ambíguos e mesclados pelos gêneros e afetos: ambos fora de lei. Gravitando em torno de outros corpos, constroem imagens do futuro e novos estilos para si. “A estilística da existência busca modificar as relações ancoradas na tradição e na norma e não por acaso emergiu das sombras em que antes viviam aqueles cujo preconceito social os inferiorizava ou os invisibilizava” (Miskolci, 2006, p. 692).

De acordo com Foucault (1984), em vários momentos da história do ocidente tem se reproduzido a noção de uma estética da existência que consiste num trabalho do indivíduo sobre si mesmo, derivado das interpelações histórico-sociais, nas quais é orientado pela busca de uma existência bela. Essa busca desde muito cedo considera o autor, é marcada por um intenso movimento à procura da “verdade de si”. A estética permeia essa experiência e abre campo para que o corpo, o prazer, o desejo, as relações, o gênero e o sexo sejam trabalhados, (des)ajustados e (des)integrados por esse anseio estético. Tal experiência implica também as possibilidades transformativas que o encontro com o outro é capaz de criar.

O outro instala-se e atravessa a subjetividade, impedindo uma identidade fechada, privada, autêntica e pura. Tendo em conta que o outro não faz referência apenas a uma identidade em confronto com outra, mas que é o irreduzível a qualquer identificação, o outro, pois, como diferença, quer dizer, como aquilo que faz diferir, que produz novidades” (Domènech, Tiradu & Gomes, 2001, pp. 132-133).

No jogo da alteridade lançamo-nos para infinitas possibilidades no que diz respeito ao experimentar a vida e a si mesmo. A experiência é algo que pode nos alterar. Talvez passamos perceber melhor as modificações que as experi-

ências sociais nos causam à medida que delas estamos nos retirando. Isso parece ficar evidente nas palavras do professor Dionísio (2009, p. 09):

Quando tu me perguntas sobre como é para mim ser um professor homem e sobre como eu experimento meu corpo nessa relação, eu te digo que nunca pensei nisso. Na verdade estou pensando agora. Parece mais fácil pensar numa situação depois que saímos dela, embora tua pergunta tenha me pego de surpresa. Mas o que dá para te adiantar é que o meu corpo e o meu jeito de ser homem vem sendo construído no envolvimento com todas as relações com as quais tenho vivido, especialmente as que se referem ao ambiente pedagógico, pois ali é o lugar onde eu passo muito tempo da minha vida. Então é o lugar onde mais me possibilita aprendizagens e mudanças.

Como quem sai de uma estação para outra, ao sairmos lentamente de determinadas situações que nos envolveram e nos exigiram, parece que passamos ser capazes de ver o que antes não víamos e de ser o que antes não éramos. De uma experiência dificilmente saímos os mesmos, pois a dor, a emoção, o prazer, o afeto ou a dúvida que nela experimentamos nos causam deslocamentos estéticos. Após determinadas vivências, tenham sido elas boas ou ruins, já não somos mais as mesmas pessoas, já passamos ocupar outros lugares no mundo e em nós mesmos porque as experiências tiraram-nos do eixo e fizeram-nos transbordar. Como na experiência do recém-nascido, passamos a tatear outros caminhos e perceber que será necessária uma nova coragem para prosseguirmos. Isso porque já não possuímos mais o mesmo corpo e nem os mesmos sentidos e nem tampouco sabemos direito para onde estamos seguindo. É possível aqui, mais uma vez, lembrarmos Foucault (2005, p. 16) em uma de suas entrevistas:

O que faz o interesse principal da vida e do trabalho é que eles permitem transformar-se em algo diferente do que se era ao princípio. Se você soubesse, quando começa a escrever

um livro, o que vai dizer ao fim, você acredita que teria coragem de escrevê-lo? O que é válido para a escritura e para uma relação amorosa é válido também para a vida. O jogo somente vale à pena na medida em que se ignora como acabará.

Foucault (1978, p. 42) considerava que a filosofia é em essência ascese, ou seja, “um exercício de si no pensamento”. Diferente da concepção moderna de ascese que tratava de autorenúncia e autorrestricção, o autor considera a ascese como a arte da vida, uma vez que ela contempla a possibilidade de transformação, invenção e reinvenção de si, condições necessárias para que um sujeito alcance determinada forma de existência.

Nesse caso, os estilos de relações que os professores estabelecem com os sujeitos com os quais convivem na escola, particularmente com os alunos e alunas, levam-nos a reinventar a si mesmo, pois o “outro é indispensável na cultura de si”, afirma Foucault (1978, p. 67). Suas corporeidades e masculinidades formam-se e transformam-se numa permanente e apaixonada aventura em busca do desprendimento de si. Assim, constroem para si heterotopias: corporais, sexuais, sociais e de gênero. Elas remetem à potência criativa que o encontro com a alteridade é capaz de promover. Elas possibilitam que os sujeitos dobrem-se sobre si mesmos (ascese) e, num exercício reflexivo, tornem-se algo diferente do que eram. Então, as heterotopias também são forças que nos movimentam em direção aquilo que ainda não somos e nem sabemos, arremessando-nos, portanto, para uma nova est(é)tica da existência.

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CURINGA. *Entrevista concedida em 18/05/2009*, p. 01-17.

DAVI. *Entrevista concedida em 28/06/2009*, p. 01-09.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3/. Tradução de Aurélio Guerra Neto et. al. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Lógica dos sentidos*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DIONÍSIO. *Entrevista concedida em 02/06/2009*, p. 01-18.

DOMÈNECH, Miguel; TIRADO, Francisco; GÓMEZ, Lucía. *A dobra: psicologia e subjetivação*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca Fomos Humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989

\_\_\_\_\_. *A sociedade da verdade*. Ditos e escritos, Rio de Janeiro: Zahar, 1994b

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*. São Paulo: Forense Universitária 1994c.

\_\_\_\_\_. *A governamentalidade*. São Paulo: Forense Universitária, n. 167-168, p. 12-29, 1978.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade (Vol. II: O uso dos prazeres)*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HÍBRIDO. *Entrevista concedida em 012/06/2009*, p. 01- 22.

MISKOLCI, Richard. *Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. Estudos feministas. Florianópolis. 14 (3): 272. Set/2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

PASSETTI, Edson. *Arte e resistência: ensaios entre amigos*. In: LINS, Daniel (Org.) *Nietzsche/Deleuze, 2004: arte, resistência: Simpósio Internacional de Filosofia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: 2007.

PÉREZ, Carmem L. Vidal. *A lógica e os sentidos da formação: heterotopias, acontecimentos e sujeitos*. In: *Revista do Departamento de Psicologia, UFF vol. 19, Niterói, 2007*.

RICARDO. *Entrevista concedida em 10/05/2009*, p. 01-12.

VILELA, Eugénia. *Corpos inabitáveis: Errância, filosofia e memória*. 2001 Habitantes de babel. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.